

ECOS

RELEVO

A expressão singular da história, nos marcos da paisagem

Curvas da preguiça

Rios de planície derivam, lentos, em curvas intermináveis e mutantes, re-moldadas a cada cheia

A paisagem sempre é plana, de sedimentos apazi-guados pela ação do tempo, muito tempo. Aplainadas, milenarmente acomodadas, as areias sentam-se preguiçosas em bancos, bem no caminho das águas, moldando as curvas em meandros, marca registrada dos rios de planície. Muito mais lentas do que nas montanhas ou no planalto, sem resquícios de corredeiras ou vertiginosas cachoeiras, essas águas se limitam a forçar e empurrar pacientemente as margens em cada volta. De um lado vão 'comendo' os barrancos, roubando argila e areia das margens. De outro lado vão depositando esses sedimentos, fazendo crescer os bancos que limitam seus próprios movimentos.

Quando vêm as chuvas, a velocidade das águas aumenta e lava a preguiça das areias. As cheias mudam o leito dos rios, transferem os sedimentos de lugar, criam novos obstáculos onde antes era o canal e abrem passagem onde antes eram obrigadas a desviar. O resultado é um desenho novo dos meandros a cada estação, obrigando canoeiros, barqueiros, e outros navegadores a retraçar a geografia de cada rio.

Às vezes as mudanças são tão radicais que o rio elimina uma curva inteira e toma outro rumo, deixando para trás um meandro abandonado. Se permanecer cheio d'água com ligações muito estreitas com o rio ou sem mais nenhuma saída, o meandro se tornará um lago ou, como dizem os mineiros, uma 'lagoa de chifre', numa alusão à sua forma de meia lua. O lago pode ou não voltar a ser rio corrente numa das próximas cheias. Se for raso demais e



secar, o meandro logo será colonizado por plantas pioneiras, pois o solo estará repleto de nutrientes e com um teor de umidade ideal para fazer rebrotar a vida, seja na forma de campinaranas ou de matas ciliares renovadas.

As marcas de todas essas transformações dos meandros de rio de planície são perfeitamente visíveis do alto, tanto para os sensores de satélites ambientais, como das janelas de aviões e helicópteros. Mesmo secos e recolonizados por vegetação, eles permanecem evidentes por muito tempo.

Para quem viaja nas águas do rio, a profusão de curvas é um exercício de paciência. Seja lá pelas bandas do Tarauacá, no Acre, ou no Baixo Capivari, em Minas Gerais, há trechos em que se navega uma hora para voltar praticamente ao mesmo ponto e visualizar adiante outra curva monumental. A vontade é de desembarcar e varar a pé, cortando caminho, embora essa lógica retilínea quase sempre se mostre inviável, como bem demonstrou a histórica obsessão do barão da borracha Brian Sweeney Fitzgerald, apelidado de Fitzcarraldo. Nos anos 40, ele empregou indígenas aculturados do rio Urubamba para procurar uma passagem entre o rio Manu e o alto Mishagua, no Peru, junto à fronteira com o Brasil e a Bolívia, com a intenção de ampliar a exploração de seringais. Diversos índios morreram na empreitada e o barco ficou encalhado na selva, entre um rio e outro. Uma versão fantasia dessa história imortalizou a figura do barão no filme *Fitzcarraldo*, de Werner Herzog, lançado em 1982.

LIANA JOHN



FOTOS: AGENCIA DE MATOS